



Mídias na  
**EDUCAÇÃO**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

**JULIANA CRISTINA MEDEIROS**

**“A contribuição da TV para o desenvolvimento da cidadania: um estudo de  
matérias jornalísticas sobre a saúde – AIDS/HIV”**

**Novembro  
2012**

**JULIANA CRISTINA MEDEIROS**

**A CONTRIBUIÇÃO DA TV PARA O DESENVOLVIMENTO DA  
CIDADANIA: UM ESTUDO DE MATÉRIAS JORNALÍSTICAS SOBRE  
SAÚDE – AIDS/HIV**

Trabalho de Conclusão de Curso,  
apresentado como requisito parcial para a  
obtenção do grau de Especialista em  
Mídias na Educação, pelo Centro  
Interdisciplinar de Novas Tecnologias na  
Educação da Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

**Orientador:  
Fernando Favaretto**

**Porto Alegre  
2012**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

**Reitor:** Prof. Carlos Alexandre Netto

**Vice-Reitor:** Prof. Rui Vicente Oppermann

**Pró-Reitor de Pós-Graduação:** Prof. Vladimir Pinheiro do Nascimento

**Diretora do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação:** Profa: Liane Margarida  
Rockenbach Tarouco

**Coordenadora do Curso de Especialização em Mídias na Educação:** Profa: Liane Margarida  
Rockenbach Tarouco

## **DEDICATÓRIA**

“Esta monografia é especialmente dedicada aos meus dois grandes amores, meus filhos amados, carinhosos e felizes Otavio e Gustavo!”

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu marido Lajos, que soube compreender o meu afastamento e estresse ao longo desse curso e pelo grande incentivo para que eu continuasse a minha pesquisa.

Aos meus pais, principalmente minha mãe Aneiza, que sempre foi meu espelho e minha grande incentivadora!

A minha sogra Serena e minha cunhada Luana, que sempre me apoiaram e dividiram tarefas comigo para que eu pudesse estudar.

As minhas irmãs Mônica e Lara, pelo constante estímulo!

Ao meu professor e orientador Fernando Favaretto, pelo apoio e valiosa colaboração, sem a qual esse trabalho não seria realizado.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>1.1. Mídias na Educação.....</b>	<b>8</b>
<b>1.2. Televisão.....</b>	<b>12</b>
<b>1.3. Cidadania.....</b>	<b>17</b>
<b>1.4. Saúde – AIDS/HIV.....</b>	<b>21</b>
<b>2. OBJETIVOS.....</b>	<b>30</b>
<b>2.1. OBJETIVO GERAL.....</b>	<b>30</b>
<b>2.2. OBJETIVO ESPECÍFICO.....</b>	<b>30</b>
<b>3. RESULTADOS/ DISCUSSÃO.....</b>	<b>31</b>
<b>3.1. “AIDS/HIV: uma complexidade que não cabe na tela da TV”.....</b>	<b>31</b>
<b>3.2. Programa “A liga” Rede Bandeirantes de Televisão.....</b>	<b>32</b>
<b>3.3. Programa “Profissão Repórter” Rede Globo de Televisão.....</b>	<b>34</b>
<b>3.4. Comparando os programas: análise da abordagem do tema AIDS/HIV.....</b>	<b>36</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>48</b>
<b>5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>51</b>

“A contribuição da TV para o desenvolvimento da cidadania: um estudo de matérias jornalísticas sobre saúde.”

## 1. INTRODUÇÃO

O direito à informação é uma condição primordial ao exercício da cidadania. É muito importante considerar a TV como meio para formação cidadã, visto que torna a promoção da cidadania algo possível justamente por atingir um número muito grande de indivíduos.

Partindo do pressuposto de que a televisão ainda se constitui no principal veículo de mídia, haja vista seu enorme alcance e acessibilidade coletiva, será empreendida análise de reportagens de dois programas de televisão, com enfoque específico em matérias sobre saúde, e a partir da observação crítica de seus conteúdos, será avaliado se as matérias expostas tem condições de transmitir ao telespectador conhecimentos aptos a lhe possibilitar conhecer esse tema com profundidade, perfeição e imparcialidade, e assim, avaliar se o telespectador está sendo bem informado, condição que contribui decisivamente para a plenitude de sua cidadania.

Dentro da área educacional, de que forma a mídia Televisão pode contribuir como um importante instrumento para formação cidadã, de forma a difundir a informação correta e mais abrangente em projetos realizados em sala de aula e que interfiram no dia a dia dos alunos.

O enfoque do trabalho é fundado na análise teórica do tripé TV, saúde e cidadania; e será desenvolvido através da análise crítica de dois programas de televisão exibidos por duas emissoras de TV distintas, visando averiguar de que forma os conteúdos das matérias vinculadas à área de saúde, especificamente a AIDS, contribuem para a constituição plena da cidadania dos telespectadores.

A metodologia a ser adotada visa tornar a pesquisa apta a revelar o enfoque adotado pela mídia televisiva escolhida, no que concerne a exposição da situação da área da saúde em âmbito nacional, e se as notícias expostas nos programas de TV escolhidos colaboram, ou não, para o conhecimento pleno do telespectador/cidadão acerca da área.

## 1.1. Mídias na Educação

O papel da televisão, do cinema, do vídeo, ou seja, dos meios de comunicação audiovisuais é, indiscutivelmente, de extrema importância no meio educativo. Essas mídias transmitem continuamente informações aos alunos, apresentando modelos de comportamento, linguagens coloquiais e multimídia, privilegiando alguns valores em detrimento de outros.

A era da informática e das informações online apresenta um fascínio automático das pessoas pelo mundo virtual, pelos bate papos instantâneos e pelas informações em tempo real, aproximando indivíduos dos mais diversos lugares do mundo e de culturas distintas, de uma forma jamais imaginada pelos nossos antepassados. E justamente pelo encantamento gerado pelo computador e a internet na escola, acabamos deixando de lado outras mídias também muito importantes, como a televisão e o vídeo, como se já dominássemos essas linguagens e sua utilização na escola.

Contudo, sabemos que ainda a maior parte do referencial do mundo infanto-juvenil provém da televisão. A TV fala da vida, do presente, dos problemas afetivos, entretém e diverte de forma viva e sedutora, visto que a escola é, muitas vezes, um tanto distante e abstrata, com seu currículo pré-determinado e suas aulas previsíveis, em geral, é mais cansativa.

Justamente devido a esse fato, é que as Mídias em questão são os principais interlocutores, praticamente constantes e reconhecidos da maioria da população, especialmente da infantil.

Todo esse reconhecimento significa que os processos educacionais convencionais e formais como a escola não podem ignorar e muito menos menosprezar esses recursos, esta iconosfera, ou seja, esse mundo de imagens que a atual geração está vinculada, desde jogos, vídeos, programas, e softwares, em que o apelo visual é maior que os demais, e que é tão atraente e, em consequência, tão eficiente.

Na verdade, a escola precisa observar o que está acontecendo nos meios de comunicação e mostrá-lo na sala de aula, discutindo-o com os alunos, ajudando-os a que percebam os aspectos positivos e negativos das abordagens sobre cada assunto, de maneira a estimular a criticidade, a desenvolver o poder de opinião e, sobretudo, contribuir na formação cidadã do aluno.

Para tanto, as Mídias em Educação tem como objetivo principal não colocar contra os meios de comunicação às técnicas convencionais de educação, mas sim, de integrá-los, de aproximá-los, para que a educação seja um processo completo, rico, estimulante e bem vindo ao ambiente escolar.

O curso deve contribuir para a formação de profissionais em educação, em especial, os professores da Educação Básica, e torná-los capazes de produzir e estimular a produção dos alunos nas diferentes mídias, de forma articulada à proposta pedagógica e a uma concepção interacionista de aprendizagem, ou seja, que promova ambientes interativos de qualidade com diálogos efetivos entre alunos e professores, colaboração mutua e interação social.

Conseqüentemente, para que isso ocorra, precisamos estabelecer ligações efetivas entre educadores e meios de comunicação. É necessário educar os educadores para que, junto com os seus alunos, compreendam melhor o fascinante processo de troca, de informação, ocultamento e sedução, compreendam os códigos polivalentes e suas mensagens.

Também é fundamental educar para compreender melhor seu significado dentro da nossa sociedade, para ajudar na sua democratização, onde cada pessoa possa exercer integralmente a sua cidadania.

O Mídias na Educação é um programa de educação a distância, estruturado em módulos, que visa proporcionar formação continuada para o uso pedagógico das diferentes tecnologias da informação e da comunicação – TV e vídeo, informática, rádio e impresso. O público-alvo prioritário são os professores da educação básica.

O programa é desenvolvido pela Secretaria de Educação a Distância (Seed), em parceria com secretarias de educação e universidades públicas – responsáveis pela produção, oferta e certificação dos módulos e pela seleção e capacitação de tutores. Entre os objetivos do programa estão: destacar as linguagens de comunicação mais adequadas aos processos de ensino e aprendizagem; incorporar programas da Seed (TV Escola, Proinfo, Rádio Escola, Rived), das instituições de ensino superior e das secretarias estaduais e municipais de educação no projeto político-pedagógico da escola e desenvolver estratégias de autoria e de formação do leitor crítico nas diferentes mídias. (BRASIL, 1012)

Também são objetivos do Curso De Mídias em Educação, segundo o ambiente de aprendizagem do curso, o Moodle, desenvolvido pela UFRGS:

\* Identificar aspectos teóricos e práticos no contexto das diferentes mídias e no uso integrado das linguagens de comunicação: sonoras, visuais, impressas, audiovisuais, informáticas, telemáticas etc, destacando as mais adequadas aos processos de ensino e aprendizagem.

\* Explorar o potencial dos Programas da SEED/MEC (TV Escola, Proinfo, Rádio Escola, Rived) e os desenvolvidos por IES ou Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, no Projeto Político Pedagógico da escola, sua gestão no cotidiano escolar e sua disponibilidade à comunidade.

\* Elaborar propostas concretas para utilização dos acervos tecnológicos disponibilizados à escola no desenvolvimento de atividades curriculares nas diferentes áreas do conhecimento.

\* Desenvolver estratégias de utilização autoral das mídias disponíveis e de formação do leitor crítico.

\* Elaborar projeto de uso integrado das mídias disponíveis.

Tendo em vista a função determinante e a importância das mídias na educação, destacamos no presente trabalho a mídia Televisão, e como enfoque principal, dois programas de televisão de emissoras diferentes e o papel que as mesmas exercem na formação da cidadania, quanto a informação sobre um determinado tema em questão, o HIV.

A televisão está diretamente ligada à informação e ao entretenimento, e o uso dessa tecnologia no ambiente escolar está cada vez mais difundido. Através dessa mídia, o professor tem a possibilidade de envolver o aluno em um determinado assunto e proporcioná-lo inúmeras informações sobre o mesmo.

E através de matérias jornalísticas e programas de TV específicos, o professor tem a possibilidade de uma abrangência de informações as quais dificilmente teria, utilizando outra forma de trabalho, como por exemplo, pesquisas e palestras.

Entretanto, a questão prioritária desse trabalho é questionar a dimensão alcançada e a veracidade dos fatos por ela transmitidos. Sabemos que a escola é um espaço de formação cidadã importantíssimo, e a seriedade dos assuntos tratados é o requisito principal da filosofia das escolas.

Ensinar a questionar, a buscar, a construir conceitos, descobrir verdades e mitos, e para que isso realmente aconteça, o trabalho com Mídias deverá ser revelador, dinâmico, acima de tudo, contribuir para a construção do conhecimento e do saber.

## 1.2. Televisão

Hoje, o que não existe na TV, não existe no mundo. É a TV quem nos dá o mundo, é ela quem o confecciona diante dos nossos olhos; procura sempre nos ensinar quando devemos agir no mundo.” (BUCCI, 1996, p.164)

A linguagem visual da televisão é o mais poderoso diferencial dentre todos os meios de comunicação, além de dar mais credibilidade e veracidade às informações, ela carrega consigo símbolos e significados via texto e imagens, que fazem dela uma grande produtora de mitos. A sua capacidade de disseminar formas simbólicas funciona como estímulos que são reforçados na vida cotidiana e podem ser incorporadas nas interações sociais, num processo de retroalimentação.

O aparelho de Televisão:

A TV só influencia porque é o elo que industrializa a confecção do mito e o recoloca na comunidade falante. A TV não manda ninguém fazer o que faz; antes autoriza, como espelho premonitório, que seja feito o que já foi feito. (BUCCI, 1996, p.19)

A Televisão funciona a partir da análise e conversão da luz e do som em ondas eletromagnéticas e de sua reconversão em um aparelho. É chamado de televisor, e às vezes recebe erroneamente também o mesmo nome do sistema, ou pode ainda ser chamado de aparelho de televisão. Esse nome se origina do grego “tele” e do latim “visione”, que significam, respectivamente, “distante” e “visão”, ou seja, é um sistema eletrônico de reprodução de imagens e sons de forma instantânea.

Possui câmeras e microfones que captam as informações sonoras e visuais. Essas informações são em seguida convertidas de forma a poderem ser difundidas por meio eletromagnético ou elétrico, via cabos. O televisor ou aparelho de televisão capta essas ondas eletromagnéticas e, através de seus componentes internos, as converte novamente em imagem e som.

A televisão existe, comprovadamente, na grande maioria dos lares brasileiros. Segundo dados do último censo do IBGE, de 2011:

Apesar da crescente popularização dos computadores, cresceu em 12% o percentual de domicílios brasileiros com TV nos últimos dez anos. De acordo com último Censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), divulgado na última quarta-feira (16), 97% dos lares têm televisores, frente aos 85% do ano de 2000.

Na realidade, a televisão, no Brasil, iniciou no ano de 1950, em São Paulo, e foi trazida e fundada por Assis Chateaubriand, sendo a TV Tupi o primeiro canal de televisão do país. A partir daí, a televisão começou a crescer representando um fator muito importante na cultura popular moderna da sociedade brasileira.

A partir dessa data, a TV teve seus primeiros anos marcados pela aprendizagem e improvisos, pois era feita ao vivo, sem a presença do videotape. Como o televisor era um aparelho que tinha um alto custo, pois era importado, o seu uso era restrito as classes mais abastadas da época. Sem falar que os recursos técnicos eram primários, dispondo as emissoras apenas do suficiente para manter as estações no ar. Vale ressaltar que, apesar de ser considerada inicialmente, como um produto elitista, vale ressaltar que os primeiras exibições foram abertas ao público nas grandes lojas e de quanto era comum as pessoas que não possuíam aparelhos de TV se reunissem nas casas de vizinhos e amigos para assistirem a programação, além da ampliação do seu consumo com o passar dos anos.

Para (Wiener 1968), “informação é o termo que designa o conteúdo daquilo que permutamos com o mundo exterior ao ajustar-nos a ele, que faz com que nosso ajustamento seja nele percebido”.

Essa definição, certamente, não resume os sentidos da palavra Informação, ela somente a toma como base, pois consideramos que, no país, existem mais de 65 milhões de receptores, o que equivale a um número expressivo de aparelhos TV para cada três habitantes, sendo que em classes menos favorecidas, a TV acaba sendo uma das fontes principais de contato com o mundo. Portanto, é visível que o brasileiro se informa principalmente pela TV.

Dessa forma, acredita-se que cerca de 90% dos domicílios brasileiros possuem aparelhos receptores de televisão. No entanto, é fato que mais de 81% recebem somente sinais de televisão aberta. Essa programação transmitida aos telespectadores é uma das mais importantes fontes de entretenimento e informação da população brasileira, o que corresponde uma grande e inegável responsabilidade, no que se refere à cultura nacional e à própria cidadania.

A verdade é que a televisão opera numa tal escala de audiência, que nela o conceito de “elitismo” fica completamente deslocado. Mesmo o produto mais ‘difícil’, mais sofisticado e seletivo encontra sempre na televisão um público de massa. A mais baixa audiência de televisão é, ainda assim, uma audiência de centena de milhares de telespectadores, e, portanto, muito superior a mais massiva audiência de qualquer outro meio, equivalente a

performance comercial de um best seller na área da literatura. (MACHADO, 2001, p.30)

Trazido pelo humorista Chico Anysio, os videotapes chegaram as emissoras de TV a partir do ano de 1960, marcado como um período de inovação da TV.

Para tanto, era permitido que erros ao vivo fossem corrigidos previamente, e que ainda um mesmo programa fosse exibido várias vezes e gravado em horários diferentes de sua exibição.

A Copa do Mundo de 1970, no México, chegou em cores no Brasil em transmissão experimental para as estações da Embratel, que retransmitia para os raros possuidores de televisão colorida no Brasil. A Embratel reuniu convidados na sua sede no Rio de Janeiro, em São Paulo (no Edifício Itália) e em Brasília. O sinal, recebido em NTSC (padrão americano), era convertido para PAL-M e captado por aparelhos de TV instalados nas três cidades. Poucos puderam assistir aos jogos em cores. Conforme relato no livro "Jornal Nacional - 15 Anos de História" (1984, Rio Gráfica Editora - atual Editora Globo), na TV Globo havia, na época, apenas um aparelho de TV em cores. (SOUZA, 1984)

Durante esse período, o domínio televisivo ficava entre duas emissoras de TV, a TV Tupi e a TV Record. Mas a partir dos anos 70 a preferência dos telespectadores era para com a Rede Globo de Televisão, que mantém até hoje hegemonia no campo da comunicação brasileira.

De uso indispensável para a maioria das pessoas, a televisão ocupa um lugar de destaque na vida das pessoas. O contato com o telespectador é intenso, mesmo que dividindo com espaço com outros meios de comunicação. A TV tem um poder enorme de alcance de informação e entretenimento. É um espaço privilegiado para esses fins, e mantém uma audiência expressiva nos dias de hoje.

Em função desses dados, podemos dizer que, para uma informação se tornar pública e chegar até as pessoas, ela tem que ser noticiada pela TV, caso contrário, corre o risco de ser ignorada ou ter sua credibilidade questionada.

A televisão penetrou tão profundamente na vida política das nações, espetacularizou de tal forma o corpo social, que nada mais lhes pode ser "exterior", pois tudo o que acontece de alguma forma pressupõe a sua mediação, acontece portanto para a tevê. Aquilo que não passa pela mídia eletrônica torna-se estranho ao conhecimento e a sensibilidade do homem contemporâneo. (MACHADO, 1990, p.8)

Diante desse fato, percebemos que as pessoas detêm-se bastante ao que a mídia televisiva retrata: engrandece e prioriza o que ela trata, ou mesmo reduz ao esquecimento assuntos dos quais ela não trata.

Para que aconteça realmente a promoção do conhecimento por meio da televisão, inicialmente se faz necessário conhecer de que forma a TV faz parte da vida das pessoas, em específico, dos brasileiros. Autores como Eugênio Bucci (1996 e 2000), Arlindo Machado (2003), Rosana Maria Bueno Fischer (2003) foram de grande importância para o conhecimento da linguagem televisiva e sua influência no cotidiano dos brasileiros.

Portanto, cabe dizer que os brasileiros, crescentemente, estão na presença dominante da televisão. Justamente é o que diz Rosa Maria Bueno Fischer, que ressalta o quanto os modos de conhecer o mundo e de se relacionar com a vida humana estão ligados a produção, veiculação e consumos intermediados pela televisão:

Pode-se dizer que a TV, ou seja, todo esse complexo aparato cultural e econômico – de produção, veiculação e consumo de imagens e sons, informação, publicidade e divertimento, com uma linguagem própria – é parte integrante e fundamental de processos de produção e circulação de significações e sentidos, os quais, por sua vez estão relacionados a modos de ser, a modos de pensar, a modos de conhecer o mundo, de se relacionar com a vida (FISCHER, 2003, p.15).

Atualmente, a partir do crescimento da Internet e a migração gradativa do público para a rede mundial de computadores, as emissoras de televisão passaram a criar diversos canais de interação com o público telespectador.

Da mesma forma em que a audiência da TV aberta vem reduzindo sua audiência nos grandes centros urbanos, aumentam os acessos aos sites que veiculam vídeos com conteúdo televisivo, ou seja, reprises on line dos programas que já foram ao ar. Associado a esse crescimento, veio o sucesso dos programas de humor voltados para o público jovem, repletos de interatividade.

Diante disso, fica claro mais uma vez que a informação e a forma de ver o mundo predominantes no Brasil provêm fundamentalmente da televisão. Ela estimula e atualiza o universo sensorial, afetivo e ético que crianças, jovens e grande parte dos adultos levam a para sala de aula.

Justamente pela TV fazer esse processo de forma mais despreziosa e sedutora, é muito mais difícil para o educador contraditar uma visão mais crítica, um universo mais abstrato, complexo e em contrapartida da maioria, como a escola se propõe a fazer.

A Televisão no Brasil está passando por uma fase de transição para a transmissão digital, que proporciona uma qualidade superior de som e imagem.

Os direitos e deveres são características primordiais para o exercício da cidadania. Para se tornar possível a promoção da cidadania, e atingir um número máximo de indivíduos, é extremamente importante considerar a televisão como um meio para a formação cidadã.

### 1.3. Cidadania

Cidadão é todo aquele que tem o direito (e conseqüentemente o dever) de contribuir para a formação do governo, participando ativamente das assembleias onde se tomavam as decisões que envolviam as coletividades e exercendo cargos que executavam essas decisões. Aristóteles

A cidadania está ligada, notoriamente, a vida em sociedade. No entanto, atualmente, uma variedade de atitudes caracteriza a prática da cidadania. Um cidadão deve atuar em benefício da sociedade, bem como essa, deve garantir-lhe direitos básicos a vida, como moradia, alimentação, educação, saúde, lazer, trabalho, entre outros. Como consequência disso, a cidadania passa a significar o relacionamento entre uma sociedade política e seus membros.

“Cidadania (do latim, civitas, "cidade") é o conjunto de direitos e deveres ao qual um indivíduo está sujeito em relação à sociedade em que vive.” (Rios, 2010; p.114)

O conceito de cidadania sempre esteve diretamente relacionado à noção de direitos, especialmente os direitos políticos, pois permitem ao indivíduo interceder na direção dos negócios públicos do Estado, participando de modo direto ou indireto na formação do governo e na sua administração, seja ao votar ou ao concorrer a um cargo público.

Entretanto, a própria definição de Direito dentro de uma democracia, presume a equivalência de deveres, uma vez que em uma coletividade os direitos de um indivíduo são garantidos a partir do cumprimento dos deveres dos demais componentes da sociedade.

A cidadania expressa um conjunto de direitos que dá à pessoa a possibilidade de participar ativamente da vida e do governo de seu povo. Quem não tem cidadania está marginalizado ou excluído da vida social e da tomada de decisões, ficando numa posição de inferioridade dentro do grupo social”. (Dallari, 1998; p 14)

Geralmente, a cidadania se apresenta em três dimensões: a civil, que são os direitos relativos à liberdade sexual, de expressão, de pensamento. O direito a justiça. A política, que é fundamentada no direito a participação no exercício do poder político como eleitor, eleito. E a social, que é o conjunto dos direitos que dizem respeito ao bem estar social e econômico, desde segurança até ao direito de compartilhar do nível de vida segundo os padrões preponderantes na sociedade.

A cidadania está permanentemente em processo de construção. Sua história confunde-se muito com a história de lutas pelos direitos humanos e é um referencial de conquistas da humanidade, através daqueles que sempre lutam por mais direitos, liberdade, garantias individuais e coletivas. Ser cidadão é não se conformar frente às dominações arrogantes, da opressão e das injustiças contra uma maioria desassistida e que não se consegue se fazer ouvir.

Ser cidadão é ser consciente de que é indivíduo constituído de uma série de direitos. Direitos à vida, à liberdade, à igualdade, a propriedade, portanto, direitos civis, políticos e sociais.

Contudo, a cidadania também pressupõe também deveres. O cidadão tem de ser consciente das suas responsabilidades enquanto sujeito integrante de um grande e complexo sistema que é a coletividade, a nação, o Estado, que para o bom funcionamento, todos precisam dar sua parcela de contribuição. Somente dessa forma se chega ao objetivo final, coletivo: a justiça, o bem comum.

Os primeiros relativos às liberdades individuais – considerados fundamentais para a ação dos indivíduos [...]; o segundo, relativo ao voto [...] e o direito à participação em organizações. Tanto os direitos civis como os políticos são chamados de direitos de primeira geração. Os direitos sociais, tidos como modernos foram alcançados no século XX, e considerados como uma segunda geração – direitos trabalhistas, greves, a um salário que assegura uma dada renda real, à educação pública universal, laica e gratuita, à saúde, à habitação, à previdência, à assistência, etc. (GOHN in PERUZZO e ALMEIDA, 2003; p. 175)

Surgiram diversas abordagens sobre cidadania durante o século XX e também se ampliou a cidadania estatal, sendo reforçada a visão de que o cidadão é um homem civilizado.

O que possibilitaria a existência deste tipo de cidadania, seguindo essa perspectiva, seria o Estado de Bem Estar. Mas essa visão sucumbiu a lógica do capital, assim como as demais, que nas últimas décadas do século XX passou a comandar todos os níveis e campos da vida social.

Ao analisarmos a cidadania nos tempos contemporâneos, podemos considerar que a sociedade atual é caracterizada por dois elementos muito importantes: a informação e o conhecimento, que garantem as relações dos homens na sociedade. O credenciamento do campo comunicacional nesta função acontece fundamentalmente pelas características de

credibilidade dos meios, pela sua dimensão espacial, e por sua condição de entrada no meio social.

A formação do cidadão nas circunstâncias históricas em que evoluímos não poderia ser processo fácil e rápido. Mas é preciso reconhecer que este processo está excessivamente lento, assim como foi excessivamente lenta a abolição da escravatura. A pergunta que ocorre logo ao observador é se a lentidão não se deve à falta de interesse em que a cidadania se desenvolva. O cidadão esclarecido é sem dúvida uma peça incômoda, reivindicadora. Sem ela, no entanto, está comprometido nosso próprio futuro como nação.” (CARVALHO, 1997; p.106)

Portanto, vale ressaltar que o direito a informação é de grande importância na formação cidadã e uma das estratégias para a construção de uma sociedade inclusiva e democrática, sendo esse um direito coletivo, podendo também ser utilizado em defesa de interesses pessoais.

Quanto ao Direito à Informação: está previsto no artigo 5º, incisos XIV, XXXIII e XXXIV “b” da Constituição Federal: "é assegurado a todos o acesso à informação e resguardado o sigilo da fonte, quando necessário ao exercício profissional; todos têm direito a receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular, ou de interesse coletivo ou geral, que serão prestadas no prazo da lei, sob pena de responsabilidade, ressalvadas aquelas cujo sigilo seja imprescindível à segurança da sociedade e do Estado; são a todos assegurados, independentemente do pagamento de taxas: a obtenção de certidões em repartições públicas, para defesa de direitos e esclarecimento de situações de interesse pessoal".

Diante dos debates atuais sobre justiça, reconhecimento dos direitos distributivos, cidadania, democracia e dignificação da vida, podemos direcionar para o papel dos meios de comunicação, especialmente a televisão, como um meio de grande importância na disseminação e orientação de valores democráticos constantes e inabdicáveis à construção de uma sociedade democrática.

A televisão como um meio formativo e disseminador de conceitos, contribui na formação cidadã à medida que ela informa de maneira consciente e verdadeira sobre os fatos. De nada vale o acesso ao meio, se as informações por ele transmitidas não conduzam a credibilidade.

Dessa forma, o direito à informação está diretamente ligado à forma em que as informações são transmitidas, os meios utilizados, as fontes e a verdade dos fatos, das mais

diversas formas e mostrando todos os possíveis ângulos e variações, para que o telespectador possa analisar, criticar, conhecer os fatos e formar a sua opinião sobre os assuntos.

Diante do exposto, a facilidade ao acesso e a diversidade de programas televisivos que explicitam um assunto em rede nacional e internacional, possibilitam essa análise diferente sobre um mesmo tema, de variadas formas e utilizando diversas linguagens.

Programas de televisão de emissoras diferentes, por exemplo, falam sobre um mesmo tema de formas distintas. Usando de entrevistas, depoimentos, estatísticas, focando diversas regiões num mesmo país, mostrando a diversidade de ideias e formações conceituais, fazem do veículo televisivo uma fonte de entretenimento, informação e conhecimento, colaborativo para a formação de concepções e construção da cidadania.

## 1.4. Saúde – AIDS/HIV

Nos últimos anos, o conceito de saúde tem mudado consideravelmente. Antes significando apenas a ausência de doenças físicas, porém hoje, ter saúde tornou-se muito mais complexo e está relacionado com as várias dimensões que fazem parte do ser humano.

Devido a essa complexidade e a vasta relação com as essas dimensões, o conceito de saúde tornou-se muito mais dinâmico e abrangente. Ele foi expandindo-se gradativamente e incorpora dimensões físicas, emocionais, mentais, sociais e espirituais do ser humano, visto que é muito difícil conservar os mesmos níveis de saúde ao longo dos dias, e em função dessas demandas, a nossa saúde e nosso bem estar são afetados.

### **Etimologia**

1. Latim *salútem* = *salvótem*, acusativo de *salus* (bem), que vem da mesma raiz de *sàlvus* (salvo).
2. Sânscrito *sàrva* = íntegro, onde *sarv-àtati* = integridade.
3. Latim *Sallus* = integridade do próprio bem-estar.
4. Organização Mundial da Saúde: saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doenças.

Percebe-se que a história das enfermidades sempre esteve ligada ao contexto social. Ela produz significados que vão muito além de suas características biológicas e são, acima de tudo, resultado de um fenômeno cultural. As doenças revelam muito sobre crenças, costumes, organizações culturais, morais e políticas, e por esse motivo, o seu entendimento tem sido cada vez mais ampliado para além do discurso médico-científico.

O vírus da peste negra foi a causa primeira do despovoamento da Europa. Mas a epidemia não se propagou tão rapidamente senão devido a determinadas condições sociais – portanto, na sua natureza profunda, mental – e os seus efeitos morais explicam-se apenas pelas predisposições particulares da sensibilidade coletiva. (Bloch, 1965; p.193)

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), os principais determinantes da saúde incluem o ambiente social e econômico, o ambiente físico e as características e comportamentos individuais da pessoa.

Geralmente, o contexto em que um indivíduo vive é de grande importância na sua qualidade de vida e em seu estado de saúde. O ambiente social e econômico são determinantes essenciais no estado de saúde dos indivíduos, visto que os altos níveis educacionais estão relacionados com um alto padrão de vida, bem como uma maior renda.

Em geral, as pessoas que terminam o ensino superior têm maior probabilidade de conseguir um emprego melhor e, portanto, são menos propensas ao estresse em comparação com indivíduos com baixa escolaridade.

O conceito da OMS, divulgado na carta de princípios de 7 de abril de 1948 (desde então o Dia Mundial da Saúde), implica o reconhecimento do direito à saúde e da obrigação do Estado na promoção e proteção da saúde.

“Saúde é o estado do mais completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de enfermidade”.(SCLIAR, 2002)

De um lado, este conceito refletia uma aspiração nascida dos movimentos sociais do pós-guerra: o fim do colonialismo e a ascensão do socialismo. A saúde deveria expressar o direito a uma vida plena, sem privações.

Um conceito útil para analisar os fatores que intervêm sobre a saúde, e sobre os quais a saúde pública deve, por sua vez, intervir, é o de campo da saúde (health field), formulado em 1974 por Marc Lalonde, titular do Ministério da Saúde e do Bem-estar do Canadá - país que aplicava o modelo médico inglês. De acordo com esse conceito, o campo da saúde abrange: a biologia humana, que compreende a herança genética e os processos biológicos inerentes à vida, incluindo os fatores de envelhecimento; o meio ambiente, que inclui o solo, a água, o ar, a moradia, o local de trabalho; o estilo de vida, do qual resultam decisões que afetam a saúde, como fumar ou deixar de fumar, beber ou não, praticar ou não exercícios; a organização da assistência à saúde.

As primeiras coisas que muitas pessoas pensam quando se fala em saúde são a assistência médica, os serviços ambulatoriais e hospitalares e os medicamentos. No entanto, esse é apenas um componente do campo da saúde, e não necessariamente o mais importante.

Normalmente, é mais proveitoso para a saúde ter água potável e alimentos saudáveis do que dispor de medicamentos. Muito melhor seria evitar o fumo do que submeter-se a radiografias de pulmão todos os anos. No entanto, a carência de recursos na área da saúde

obriga, na maioria das vezes, a selecionar prioridades, portanto não podemos tornar essas atitudes como excludentes.

Portanto, esse conceito de saúde segundo a OMS, permitiria “abusos por parte do estado”, que interviria diretamente na vida dos cidadãos com o pretexto de promover a saúde.

Em decorrência da primeira contestação, e segundo Christopher Boorse (1977) seria conceito de saúde a ausência de doenças. A classificação dos seres humanos como saudáveis ou doentes seria uma questão direta, relacionada ao grau de eficácia das funções biológicas, sem necessidade de juízos de valor.

Contudo, o conceito de saúde também demonstra a conjuntura social, econômica, política e cultural de uma sociedade. Ou seja: saúde não representa a mesma coisa para todas as pessoas. Dependerá da época, do lugar, da classe social. Dependerá de valores individuais, dependerá de concepções científicas, religiosas, filosóficas. (SCLIAR, 2007)

Galeno revisitou a teoria humoral e ressaltou a importância dos quatro temperamentos no estado de saúde. Via a causa da doença como endógena, ou seja, estaria dentro do próprio homem, em sua constituição física ou em hábitos de vida que levassem ao desequilíbrio.

O conceito de cuidados primários de saúde possui várias implicações. É uma proposta racionalizadora, mas é também uma proposta política; em vez da tecnologia sofisticada oferecida por grandes corporações, propõe tecnologia simplificada, “de fundo de quintal”.

Propõe no lugar de grandes hospitais, ambulatórios; de especialistas, generalistas; de um grande acervo terapêutico, uma lista básica de medicamentos - enfim, em vez da “mística do consumo”, uma ideologia da utilidade social. Portanto, uma série de juízos de valor, que os pragmáticos da área rejeitam. Então fica a indagação: como criar uma política de saúde pública sem critérios sociais, sem juízos de valor?

Por causa disso, nossa Constituição Federal de 1988, artigo 196, evita discutir o conceito de saúde, mas diz que:

A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para a promoção, proteção e recuperação. Este é o princípio

que norteia o SUS, Sistema Único de Saúde. E é o princípio que está colaborando para desenvolver a dignidade aos brasileiros, como cidadãos e como seres humanos.

### **A AIDS e o Vírus HIV**

A AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) surgiu nos anos 80, e foi considerada como a maior epidemia do século XX. Colocou em evidência as relações sexuais na sociedade e os preconceitos morais. Forçou o diálogo dentro dos lares entre diferentes gerações e casais, revelando homossexualidade, infidelidade, uso de drogas e precocidade sexual.

Peculiaridades entre os dois conceitos:

AIDS: sigla traduzida do inglês, que significa Síndrome da Imunodeficiência Adquirida. Essa doença se manifesta após a infecção do organismo humano pelo HIV, ou Vírus da Imunodeficiência Humana, também traduzido da sigla em inglês. A imunodeficiência é uma inabilidade do sistema de defesa do organismo para se proteger contra microrganismos invasores, como o vírus HIV. A AIDS não é causada espontaneamente, mas por um fator externo (a infecção pelo HIV).

No entanto, o vírus tem um longo período de incubação antes do surgimento dos sintomas da doença, infecção das células do sangue e do sistema nervoso. Por isso, uma pessoa pode ser portadora do vírus sem necessariamente estar com AIDS.

Atualmente, a AIDS é considerada uma doença de perfil crônico. Ela não tem cura, mas tem tratamento, de forma que uma pessoa com a doença pode viver com o vírus HIV por um longo período, sem apresentar nenhum sintoma. Quanto mais cedo a presença do vírus for detectada, mais eficiente poderá ser o tratamento.

O HIV, Vírus da Imunodeficiência Adquirida, é o vírus causador da AIDS. Ao entrar no organismo humano, ele se instala nas células do sistema imunológico, responsáveis pela defesa do corpo. As células mais atingidas pelo HIV são os linfócitos CD4+, justamente aquelas que comandam a resposta específica do corpo diante de agentes como vírus e bactérias.

Já instalado dentro das células, o vírus consegue se multiplicar e se difundir pela corrente sanguínea, contaminando outras células saudáveis. Com a defesa do corpo prejudicada pelo vírus, a pessoa infectada fica sujeita ao aparecimento de vários tipos de doenças.

Mas o HIV pode levar vários anos dentro de um organismo antes de aparecerem os primeiros sintomas. Isso depende principalmente, do estado de saúde da pessoa. Por isso, ser portador do vírus HIV é diferente de ter AIDS.

Nenhuma patologia impulsionou tantas discussões científicas, governamentais e sociais em tão curto espaço de tempo e de forma tão globalizada. A AIDS implementou mudanças no sistema público de saúde, no controle dos bancos de sangue, na responsabilização do governo pelo tratamento dos pacientes, na área da imunologia, a fim de compreender seus mecanismos. Trouxe a tona velhos mitos e nos obrigou a lidar com a fragilidade do homem moderno e seu temor pela morte.

Nesses mais de 30 anos após o reconhecimento oficial do primeiro caso de AIDS no mundo, o problema se sofisticou, passando de doença letal para crônica, acompanhando as gerações que cresceram na era dos coquetéis anti-HIV (vírus causador da AIDS) onde as pessoas podem seguir suas vidas e se reintegrar na sociedade, na maioria das vezes na condição de sigilo.

Nesse caso, a televisão desempenhou um importante papel em sua história, pois foi a TV que a apresentou à população, muito antes que o governo, profissionais da saúde e pesquisadores, num momento de intensa desinformação, tivessem respostas seguras sobre a doença. A AIDS foi a primeira epidemia a ser divulgada pela mídia, conectando o Brasil com as redes internacionais de notícias. (BARATA, 2006)

Apesar de ainda não haver a cura, os tratamentos avançaram e a qualidade de vida dos pacientes que utilizam a medicação melhorou, mas ainda permanece o estigma em torno dos portadores do vírus HIV, devido à forma da contração da síndrome ainda ser preconceituosa.

Diferente de outras epidemias, como a febre amarela, a tuberculose, a malária, nas duas primeiras décadas do surgimento da AIDS, ela era vista como uma doença democrática, por não estar restrita apenas as populações economicamente excluídas, muito pelo contrário, ela atingiu homens, mulheres, crianças, ricos, pobres, homossexuais, heterossexuais, de países do mundo inteiro.

O primeiro caso de AIDS foi oficialmente diagnosticado em 1981 por inúmeros médicos em grupos de homens homossexuais no EUA. Um dos primeiros artigos de que se tem notícia foi o estudo publicado por Gottlieb e colegas (Gottlieb, pp.1.425-1.481), com quatro pacientes jovens diagnosticados com a síndrome de imunodeficiência adquirida. Quase 25 anos mais tarde, a doença ainda não havia dado trégua, tendo índices de infecção ainda crescentes. Somente em 2004 houve mais de 5 milhões de novos casos, maior número registrado da história da AIDS.

O vírus da AIDS é conhecido como HIV (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) e encontra-se no sangue, no esperma, na secreção vaginal e no leite materno das pessoas infectadas pelo vírus. Objetos contaminados pelas substâncias citadas, também podem transmitir o HIV, caso haja contato direto com o sangue de uma pessoa.

A doença pode demorar até 10 anos para se manifestar, após o contágio. Por isso, a pessoa pode ter o vírus HIV em seu corpo, e mesmo assim não ter AIDS.

Ao desenvolver a Aids, o HIV começa um processo de destruição dos glóbulos brancos do organismo da pessoa doente. Como esses glóbulos brancos fazem parte do sistema imunológico (de defesa) dos seres humanos, sem eles, o doente fica desprotegido e várias doenças, as quais são chamadas “oportunistas” podem aparecer e complicar a saúde da pessoa, e essa, portadora do vírus HIV, mesmo não tendo desenvolvido a doença, pode transmiti-la.

A AIDS é transmitida de diversas maneiras. Como o vírus está presente no esperma, secreções vaginais, leite materno e no sangue, todas as formas de contato com estas substâncias podem gerar o contágio.

As principais formas detectadas até hoje são: transfusões sanguíneas, relações sexuais sem o uso de preservativos, compartilhamento de seringas ou objetos cortantes que possuam resíduos de sangue. A AIDS também pode ser transmitida da mãe para o filho durante a gestação ou amamentação.

A única maneira de confirmar se uma pessoa é soropositiva ou não é submetê-la ao exame de sangue que verifica a presença do vírus HIV. Os testes existentes hoje analisam se há presença de anticorpos produzidos pelo doente para combater o vírus HIV.

É importante lembrar que existe um intervalo de tempo entre a contaminação e o aparecimento de anticorpos no sangue, chamado de janela imunológica. Esse período é normalmente de duas a oito semanas, mas em alguns raros casos pode ser mais prolongado.

Se o teste for feito durante o período da janela imunológica, pode apresentar um falso resultado negativo. Por isso recomenda-se fazer o exame após 60 dias da situação de risco. Se o exame for feito após 90 dias, é completamente seguro.

Os testes anti-HIV podem ser realizados em unidades básicas de saúde, em Centros de Testagem e Aconselhamento (CTA) e em laboratórios particulares. Nos CTA, o teste anti-HIV pode ser feito de forma anônima e gratuita. Nestes centros, há uma equipe de aconselhamento que orienta os pacientes antes e depois do teste. O objetivo é facilitar a correta interpretação do resultado.

O portador do vírus da AIDS pode ficar até 10 anos sem desenvolver a doença e sem apresentar seus principais sintomas, devido ao fato do vírus HIV ficar "adormecido" e controlado pelo sistema imunológico do indivíduo. Quando o sistema imunológico começa ser atacado pelo vírus de forma mais intensa, então começam a surgir os primeiros sintomas.

Os principais sintomas de um paciente infectado pelo vírus HIV são: febre alta, diarreia constante, crescimento dos gânglios linfáticos, perda de peso e erupções na pele.

Portanto, quando a resistência começa a cair ainda mais, várias doenças oportunistas começam a aparecer, como a pneumonia, alguns tipos de câncer, problemas neurológicos, perda de memória, dificuldades de coordenação motora, sarcoma de Kaposi (tipo de câncer que causa lesões na pele, intestino e estômago). Se essas doenças não forem tratadas de forma rápida e correta, elas podem levar o soropositivo rapidamente a morte. Soropositivos são pacientes infectados pelo vírus HIV.

A prevenção do vírus HIV acontece evitando-se todas as formas de contágio citadas acima. Com relação à transmissão via contato sexual, a maneira mais indicada é a utilização correta de preservativos durante as relações sexuais. Atualmente, existem dois tipos de preservativos, também conhecidos como camisinhas, para ambos os sexos, masculino e feminino.

Outra forma de prevenção é a utilização de agulhas e seringas descartáveis em todos os procedimentos médicos. Instrumentos cortantes, que entram em contato com o sangue,

devem ser esterilizados de forma correta antes do seu uso. Em transfusões sanguíneas, deve haver um rigoroso sistema de testes para detectar a presença do HIV, para que este não passe de uma pessoa contaminada para uma saudável. É recomendado aos mesmos cuidados com usuários de drogas injetáveis, que antigamente faziam o compartilhamento de seringas. Agora elas são distribuídas gratuitamente para os usuários, e assim, prevenindo essa forma de transmissão.

Não bastam métodos, técnicas, e elementos supereficazes isoladamente considerados para prevenir ou curar esta enfermidade [a Aids], é necessário que seja assegurado a toda população o acesso mais equitativo aos serviços de saúde onde sejam, aplicados tais métodos; a democratização e a socialização da informação é a única arma possível contra a epidemia. ( PARKER ET AL, 1994)

Infelizmente, a medicina ainda não encontrou a cura para a AIDS. O que temos hoje são medicamentos que fazem o controle do vírus em pacientes com a doença. Estes medicamentos melhoram a qualidade de vida dos mesmos, aumentando a sobrevida, ou seja, a vida após um determinado limite..

O medicamento mais utilizado atualmente é o AZT (zidovudina) que é um bloqueador de transcriptase reversa. A principal função do AZT é impedir a reprodução do vírus da AIDS ainda em sua fase inicial. Outros medicamentos usados no tratamento da AIDS são : DDI (didanosina), DDC (zalcitabina), 3TC (lamivudina) e D4T (estavudina). Embora eficientes no controle do vírus, estes medicamentos provocam efeitos colaterais significativos nos rins, fígado e sistema imunológico dos pacientes.

Cientistas do mundo todo estão trabalhando no desenvolvimento de uma vacina contra a AIDS. Porém, existe uma grande dificuldade, pois o HIV possui uma capacidade de mutação muito grande, dificultando o trabalho dos cientistas no desenvolvimento dessas vacinas.

Atualmente, pesquisadores liderados pelo cientista David Watkins com participação especial de cientistas da Fundação Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro, estudam uma forma revolucionária de se chegar a vacina contra o Vírus, com estudos já bem avançados sobre a mesma, e coloca o Brasil numa posição privilegiada. Como produtor mundial da vacina de febre amarela, ele poderá também ter vantagem na produção de uma vacina contra a Aids.

A AIDS no Brasil, com dados do Boletim Epidemiológico de Aids em 2010 reforçam tendência de queda na incidência de casos em crianças menores de cinco anos. Comparando-

se os anos de 1999 e 2009, a redução chegou a 44,4%. O resultado confirma a eficácia da política de redução da transmissão vertical do HIV (da mãe para o filho).

Dados gerais mostram que, atualmente, cerca de 630 mil brasileiros estão infectados com o vírus da AIDS, sendo que 225 mil não sabem que estão infectados. No Rio Grande do Sul os índices proporcionais à população são os mais altos do país, sendo que a taxa de incidência por 100 mil habitantes é de 47,5. Porto Alegre está no topo das cidades com maiores índices da doença no Brasil e no RS.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1. OBJETIVO PRINCIPAL**

Analisar de que forma a televisão influencia o cotidiano dos telespectadores, por meio de exibição de programas com reportagens vinculadas a área de saúde.

### **2.2. OBJETIVO ESPECÍFICO**

Refletir de que forma a mídia “televisão” influencia as pessoas na sua formação cidadã, de forma a informar, atualizar, direcionar, sensibilizar, credibilizar, e ajudar as mesmas quanto à informação a respeito de um tema de extrema relevância, que é a AIDS.

### **3. RESULTADOS/DISCUSSÃO**

#### **3.1. AIDS/HIV: uma complexidade que não cabe na tela da TV**

É notável que houvesse uma diminuição da presença da AIDS na mídia. Pela constatação da existência de tratamentos que prolongam e garantem uma significativa melhora na vida dos seus portadores, tem-se a ilusão de que, assim como o Diabetes, a AIDS faz parte do nosso cotidiano.

Acredita-se que a banalização da doença frente a população e a perda de interesse da mídia ocorre principalmente graças a dois fatores: a diminuição das chances da doença levar a morte, e por ter mudado significativamente o perfil da AIDS, que agora se concentraria nas classes mais pobres, crescendo assim de forma mais silenciosa.

Através dos programas “A liga” e “Profissão Repórter”, das emissoras Band e Rede Globo, e exibidos em 2011 e 2012, respectivamente, procura-se saber até que ponto a mídia televisiva informa, com seriedade e verdade, determina fatores, e influencia na vida das pessoas a fim de conscientizar e promover a cidadania.

No âmbito escolar, de que forma essa consciência cidadã expressa por essa mídia poderá ser utilizada para fins de pesquisa e desenvolvimento de um tema de extrema importância na vida de pessoas em formação.

### 3.2. Programa “A Liga”, da Rede Bandeirantes de Televisão

A Liga é um programa de televisão brasileiro, criado pela produtora argentina Eyeworks e exibido pela Rede Bandeirantes desde 4 de maio de 2010. Seu formato é baseado no programa argentino La liga, e conta em seu elenco com Cazé Peçanha, Débora Vilalba, Thaíde e Mirian Bottan. A classificação indicativa do programa é não recomendado para menores de 12 anos.

Esse programa é definido como jornalístico, porém procura mostrar com humor, drama, e uma dose de acidez diversas maneiras de se contar ao público uma mesma notícia. Na perspectiva de que para contar uma história sob a visão de quem a vive só há um jeito, ir ao encontro dela. Comum seria não interferir e normal, nada sentir, não vivenciar. Mas não é isso que querem os apresentadores do programa. Eles tocam na realidade, olham de perto.

O programa já teve uma série de apresentadores, e foi modificando com o passar dos anos, tendo em vista tentar manter sua principal característica de envolvimento dos apresentadores, de forma direta com os temas abordados:

A característica marcante de A Liga é sua reportagem participativa, na qual os jornalistas vivem as mesmas situações que seus entrevistados. Como, por exemplo, num programa sobre a precariedade do transporte público, quando os quatro apresentadores fizeram um mesmo percurso de jeitos diferentes. Thaíde saiu de helicóptero; Rosane Mulholland, de metrô e ônibus; Débora Villalba, de bicicleta; e Rafinha Bastos, de carro. "A crítica não entendeu muito bem, mas os telespectadores entenderam que é uma oportunidade que a gente tem de vivenciar aquelas experiências, de falar com propriedade sobre aqueles assuntos", explicou. (MAIA, 2012).

O programa “A Liga” veio ao ar com a proposta de um jornalismo de realidade, onde os repórteres se aproximam do tema, e mostram vários olhares para um mesmo assunto, suas contradições e aproxima o telespectador do tema real. Cada um dos quatro repórteres que comandam o programa mostram individualmente uma esfera sobre o tema abordado.

Através do experimento e da vivência sobre o tema, as reportagens ganham ar de realismo, no que diz respeito a sentimentos, sensações, aprendizados, problemas enfrentados, dificuldades, entre outros. Utiliza-se de vários locais de filmagens e para mostrar os mais diversos ângulos sobre o mesmo tema.

Através do site da emissora de TV que detém os direitos de gravação e exibição do programa, é possível encontrar os vídeos com as gravações dos programas já exibidos, como forma de integrar a tecnologia de acesso da internet e preservar a divulgação do programa. <http://www.band.uol.com.br/aliga/>

### **3.3. Programa “Profissão Repórter” da Rede Globo de Televisão**

O Profissão Repórter é um programa de cunho jornalístico, porém apresentado em um diferente formato, apresentando jovens repórteres e tratando de temas cotidianos e polêmicos diretamente das ruas da cidade.

O programa, exibido pela TV Globo, mostra os bastidores da notícia de uma forma diferenciada na televisão brasileira. A cada semana, a equipe privilegia o protagonista do cotidiano e mergulha em seu universo. Os repórteres olham o fato de perto, contam suas impressões pessoais e compartilham os enredos e os dramas de cada personagem. O telespectador tem a possibilidade de assistir a um relato sincero e verdadeiro dos acontecimentos.

O apresentador do programa, o jornalista Caco Barcellos lidera uma equipe de jovens repórteres que vão às ruas, juntos, para mostrar diferentes ângulos do mesmo fato, da mesma notícia. Cada repórter tem sempre uma missão a cumprir, o que envolve tarefas tanto na realização da reportagem ao vivo, quanto na finalização da mesma.

Iniciado em 2006 como um quadro do Fantástico, teve três edições especiais nas noites de quinta feira em 2007, essas edições foram ao ar nos dias 30 de agosto de 2007, 18 de outubro de 2007 e 13 de dezembro de 2007. O programa tornou-se fixo na grade da Rede Globo a partir do dia 3 de junho de 2008.

A premissa do programa é mostrar a realidade do repórter com um desafio a ser cumprido. O telespectador acompanha todos os desafios da reportagem e os bastidores da notícia em destaque, sem a certeza se eles conseguirão realizá-la ou não.

O programa é exibido normalmente às terças feiras, e já foi vencedor de vários prêmios, inclusive internacionais. Destacamos: Melhor programa do ano – 2008, Jornal Extra, Vencedor do Prêmio AMB de Jornalismo – 2007, Finalista do Prêmio Mídia da Paz - 2007, Prêmio Jovem Brasileiro 2006, 2007, 2008 e 2009, Prêmio TV Press melhor programa jornalístico de TV 2007, Troféu Top of Business Nacional 2008 e em 2012 o programa sobre os Jovens do Crack também foi premiado.

Nove repórteres constroem o programa, abordam um único tema e várias realidades. Como missão, procurar dar voz ao protagonista do cotidiano e mergulhar em seu universo.

Cabe ao repórter sentir na pele a realidade retratada. O telespectador assiste a um relato sincero e verdadeiro dos acontecimentos.

O programa conta com os registros de várias câmeras que trabalham paralelamente. Assim, cada tomada, cada ângulo captado traz um universo de significações muito além do registro pretendido.

Tudo acontece praticamente em tempo real. A relação do repórter com as fontes e entrevistados se constitui no foco central da atração. E ao telespectador fica a concepção de uma espécie de imagem auto reflexiva sobre o fazer jornalístico.

A descrição da atividade do repórter é fundamental para envolver e situar a narrativa e conseqüentemente, os telespectadores. As dificuldades enfrentadas na rua; os percalços de um repórter em busca da notícia; erros de gravação; as percepções e reações dos repórteres; a descrição de seus entrevistados – valorizados da forma como são e do jeito que estão.

Visando situar o repórter no momento e no local em que a história está acontecendo – valoriza os bastidores da notícia e os desafios da reportagem. Para estar como repórter no cenário da notícia e para compreender o outro, é necessário muito mais que técnica e sabedoria.

Cremilda Medina (2006) aponta a preferência pela informação humanizada, vivida, exemplificada na cena cotidiana e protagonizada pelos heróis, ou melhor, anti-heróis da aventura contemporânea.

### **3.4. Comparando os programas: análise da abordagem do tema HIV/ AIDS**

A proposta inicial dessa pesquisa é a seguinte: até que ponto um programa de televisão de cunho jornalístico informa a realidade dos fatos, mostra possibilidades, informa, atualiza e forma conceitos e ajuda as pessoas acerca de um tema, proporcionando ao telespectador o contato com a informação correta e de credibilidade incontestável, mostrando caminhos e sugerindo soluções? Até que ponto a mídia televisiva, através desses programas de televisão, contribui para a formação cidadã, visto que, ao ser levada a sala de aula, poderá contribuir também no processo de ensino aprendizagem, na construção do conhecimento em relação ao tema proposto?

Ao assistir e analisar os dois programas acima descritos, pôde-se perceber uma série de aspectos positivos e negativos, que necessitam de um olhar mais apurado.

O programa “A Liga”, que foi transmitido pela Rede Bandeirantes, apresenta-se como um programa mais atual, principalmente pelo fato de ter ido ao ar ainda esse ano, no dia 11 de setembro de 2012. Com o título de “Sexo perigoso”, teve como abertura, a seguinte chamada: “Dentre as pessoas que estão aqui, quem você acha que tem o vírus HIV?” Na ocasião, apresentava quatro personagens: uma empresária, um tatuador, uma prostituta e um transexual. Todos eles, lado a lado, em plena Avenida Paulista, aparentemente sem nenhum problema de saúde. Deste modo, coube como destaque inicial o preconceito que ainda ronda a doença, mesmo 30 anos depois de sua descoberta.

As pessoas indagadas na rua tinham a missão de descobrir, entre aquelas ali expostas, qual delas estava com o vírus da AIDS. E para a grande surpresa, a infectada era justamente aquela que não deixava a menor sombra de dúvidas que não deveria ser ela, pelo fato de ter uma aparência estável e saudável e aparentar segurança profissional e familiar.

Um dos grandes paradoxos que envolvem a doença está o preconceito real e o preconceito que as pessoas pensam que não existe. De fato, há preconceito. Justamente na abertura do programa, se percebe claramente que as pessoas consultadas ainda preservam o estereotipo de aidéticos como aqueles que têm uma vida desregrada, ou que usam drogas, ou tem vida homossexual.

A grande verdade, é que nos dias atuais o Vírus da AIDS não tem mais cara, nem endereço. Ele acontece com pessoas comuns, de classes sociais diversas, e que levam aquela vida “politicamente correta”. Essa é a cara da AIDS hoje. Ela não tem classe social, e os

grupos de risco agora são muito mais biológicos do que físicos, como as pessoas ainda imaginam. O que existe sim é o preconceito e a falta de informação. Não existe mais “grupo de risco” e sim, “comportamento de risco”.

O programa A Liga, da Band, mostrou os perigos do sexo imprudente, destacando o fato das Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) atualmente atingirem mais de 10 milhões de brasileiros.

O programa foi muito interessante e o tema de grande utilidade pública, visto que trata a AIDS como uma doença que pode atingir qualquer pessoa, tentando desmistificar seu lado preconceituoso que perdura até a atualidade.

Exemplificando, o programa apresenta os números que desmentem um dos argumentos muito usado por pessoas que discriminam os gays: entre os homens infectados pelo vírus da AIDS, 22% contraíram a doença em relacionamentos homossexuais e 42% contraíram a doença em relacionamentos heterossexuais. Esses números desmascaram aquela máxima de que a AIDS é uma doença dos gays.

Portanto, é apresentado através do programa estatísticas atuais da disseminação da doença e as demais envolvidas no processo infeccioso. Estudos mostram que sífilis, gonorreia, herpes genital e HPV aumentam em até 18 vezes a chance de contrair o vírus HIV.

Na reportagem em si, fica muito claro que muitas pessoas não fazem o exame por medo, e que o quanto antes se faz o tratamento, melhor é a qualidade de vida das pessoas portadoras do vírus.

Fica claro e evidente que, ainda hoje, a falta de informação ainda é muito grande no Brasil. E o preconceito também.

O cartaz abaixo, da campanha de combate à AIDS, do governo federal, recebeu críticas e foi retirado de alguns Postos de Saúde pelo país, sob o argumento da promoção da homossexualidade. O cartaz orientativo está direcionado aos gays, uma realidade. Mais uma tentativa de ignorá-los e uma comprovação do preconceito ainda existente!



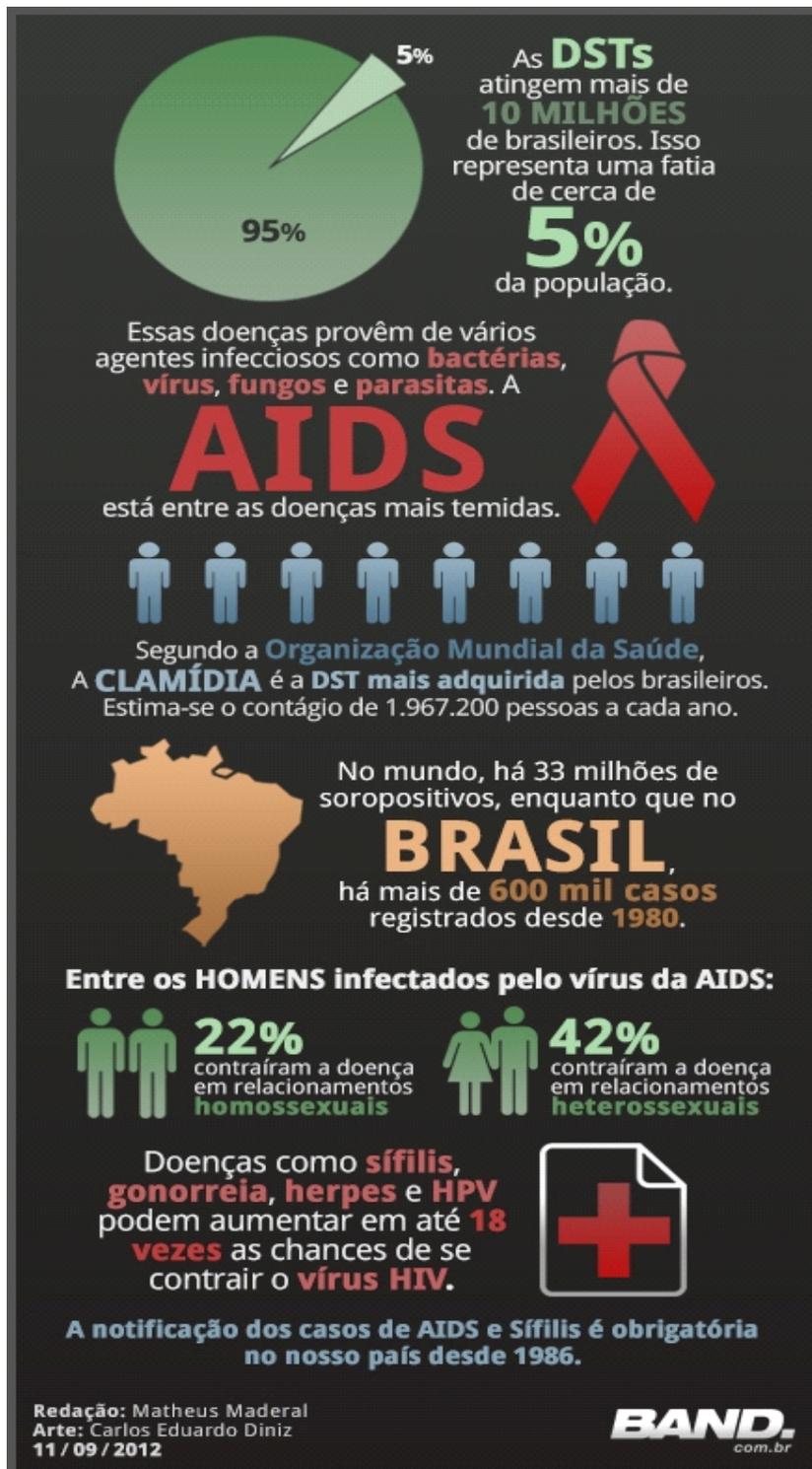
**Figura 1:** retirada do site do programa “A Liga”  
<http://www.band.uol.com.br/aliga/episodios.asp>

O programa “A Liga” é apresentado por Cazé, Thaíde, Débora Villaba e Mirian Bottan. A atração abordou a importância do exame periódico de DST/AIDS e a atuação de profissionais da área de filmes pornográficos e prostituição que constantemente estão expostos ao contágio.

Utilizando um tom educativo, o programa mostrou que não existem mais grupos de risco, como era vista a comunidade LGBT (trata-se de uma sigla que significa Gays, Lésbicas, Bissexuais, Transexuais, Travestis e Transgêneros), mas comportamentos de risco. Além disso, mostrou os dilemas sociais de portadores de HIV e outras DST/AIDS que têm que conviver com o preconceito e com a falta de informação das pessoas com as quais convivem.

Apesar de serem os mais preconceitualizados, o programa mostra que essas pessoas (LGTB) e também os profissionais do sexo, são os mais bem informados sobre a doença. Devido à exposição física diária, eles fazem exames de HIV com bastante frequência, fazem uso de preservativo regularmente, e estão atentos aos avanços e novidades sobre o vírus, muito mais que as outras pessoas envolvidas no programa.

Quanto à veracidade desse fato, há um grande impasse: o sexo ainda é o maior difusor da doença, e se ela avança com tal força e velocidade no mundo, essa informação ainda não está fundamentada como segura, pois nesse contexto aparecem também as doenças sexualmente transmissíveis, responsáveis também pela difusão do vírus entre as pessoas.



**Figura 2** : retirada do site do programa “A Liga”  
<http://www.band.uol.com.br/aliga/episodios.asp>

Já o programa Profissão Repórter, que foi ao ar no dia 16 de agosto de 2011, mostrou como vivem os portadores da Aids 30 anos depois da descoberta da doença.

A equipe do “Profissão Repórter” acompanhou a rotina de médicos e pacientes no Hospital Emílio Ribas, o maior hospital de infectologia da América Latina, localizado em São Paulo. Ele mostrou o assunto ouvindo pacientes e especialistas.

Durante um mês, Caco Barcellos e a equipe de repórteres acompanharam a rotina de médicos e pacientes do maior hospital de infectologia da América Latina para mostrar como vivem os doentes de AIDS.

Em outra reportagem, a situação dos pacientes idosos, outro fato marcante na reportagem, visto que, desde o início da doença até hoje, há sobreviventes e a sua maioria deles na 3ª idade. Os mesmos relatam as consequências, as mudanças e os avanços, tanto na área de medicamentos quanto na questão da saúde e qualidade de vida.

Durante o período em que ficou no Hospital Emilio Ribas a repórter conheceu a professora de ioga Dulce, diagnosticada soropositiva há 27 anos, que luta contra a doença no presente, o preconceito no passado e questiona o futuro. Em depoimento, ela relata o preconceito principalmente da família, a forma com que foi tratada pela mãe, a qual, naturalmente, seria a pessoa que mais deveria lhe dar apoio naquele momento. A aceitação pela família foi uma questão extremamente importante para a sua recuperação e tratamento.

O programa também relata que, em cinco anos, o número de pessoas contaminadas com mais de 50 anos subiu para 60%. Uma das principais razões do contágio é a falta de prevenção nas relações sexuais. O advento dos medicamentos usados no tratamento das disfunções erécteis no homem, em concomitância com a falta de conhecimento e informação quanto a prevenção, foram alguns dos motivos que fizeram esses números aumentarem.

Já a repórter Gabriela Lian acompanha o movimento de pessoas que procuram o Instituto Emilio Ribas para fazer o diagnóstico. Em um mês, o hospital realiza 500 exames, desse total cerca de 10 são positivos. Os exames são gratuitos em hospitais públicos, são sigilosos e de rápido diagnóstico.

Ainda no programa é exibida uma reportagem sobre o tratamento das crianças e adolescentes com o vírus. O repórter Thiago Jock mostra a realidade de jovens que diariamente usam a criatividade para driblar a doença e conseguem ter uma rotina normal.

Neste assunto da AIDS, levantamentos da Organização Mundial da Saúde e do Ministério da Saúde registram mais de 33 milhões de pessoas contaminadas no mundo e no Brasil, desde o início da doença, mais de 630 mil casos com 220 mil mortes. E, ainda segundo um levantamento recente, há até 35 mil novos casos no país.

Thiago Jock vai contar como é a realidade de jovens que diariamente usam a criatividade para driblar o vírus e conseguem ter uma rotina com a de qualquer outra pessoa. Caco Barcellos e sua equipe mostram as crianças que crescem com os vírus e a chegada a adolescência. O Profissão Repórter ainda conta a história de um menino de 14 anos que herdou a doença da mãe e luta para sobreviver.

O programa Profissão Repórter recebeu críticas de internautas, conforme nos mostra o blog “Vivendo Positivo”. Dentre elas, vejamos:

“O programa – de baixíssimo nível – serviu tão somente para mostrar o quão ignorantes são nossos médicos e enaltecer as vantagens do tratamento (remédios). A Big Pharma agradece.”

“Você sabe o que é HIV? HIV é AIDS... disse a médica do Emílio Ribas ao paciente que acabara de receber a notícia de ser HIV+. Só na cabeça doente dela...”

<http://vivendopositivo.wordpress.com/2011/11/>

Nitidamente, podemos perceber, numa análise contextual dos dois programas, que os dois focam seus dados e entrevistas na Região da Grande São Paulo, e as estatísticas são a nível nacional, não informando dados das demais regiões.

No âmbito escolar, dependendo da forma e do alcance que se deseja, se faz necessário em estudo mais aprofundado em relação a esses dados. Não somente para o entendimento do assunto como um todo, mas também para uma melhor capacidade de crítica, debate, análise, em torno do tema abordado e suas contribuições na vida das pessoas.

Segundo os PCNs, os termos interdisciplinariedade e transversalidade definem-se por :

A interdisciplinaridade questiona a segmentação entre os diferentes campos de conhecimento produzida por uma abordagem que não leva em conta a inter-relação e a influência entre eles — questiona a visão compartimentada

(disciplinar) da realidade sobre a qual a escola, tal como é conhecida, historicamente se constituiu. (...) A transversalidade diz respeito à possibilidade de se estabelecer, na prática educativa, uma relação entre aprender conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real (aprender na realidade e da realidade) (BRASIL, 1998).

Trabalhado nas escolas como um “Tema Transversal” (assuntos que aparecem transversalizados em áreas determinadas do currículo, e que se constitui na necessidade de um trabalho mais significativo e expressivo de temáticas sociais dentro da escola), a Aids é discutida durante o ano todo, de diversas formas, em consonância com a matriz curricular educacional e do nível de ensino o qual ela aparece inserida, e nesse caso, na área das Ciências Humanas (saúde).

Segundo os PCNs, os temas transversais:

Não constituem novas áreas, mas antes um conjunto de temas que aparecem transversalizados nas áreas definidas, isto é, permeando a concepção, os objetivos, os conteúdos e as orientações didáticas de cada área, no decorrer de toda a escolaridade obrigatória. A transversalidade pressupõe um tratamento integrado das áreas e um compromisso das relações interpessoais e sociais escolares com as questões que estão envolvidas nos temas, afim de que haja uma coerência entre os valores experimentados na vivência que a escola propicia aos alunos e o contato intelectual com tais valores. (BRASIL, 1997; p.64).

Como forma de construção do conhecimento, e na utilização da mídia televisão para que essa construção aconteça de forma dinâmica, a pesquisa, análise e formação de conceitos no processo de construção do conhecimento e formação cidadã, é extremamente peculiar e significativa.

Na forma de projetos, trabalhos em grupo, até mesmo individualmente, percebemos resposta positiva ao trabalhar com a mídia TV. Nesse caso, em específico, assistir a esses programas, em tese, traria de certa forma uma bagagem imensa ao se falar sobre o tema.

Através dos programas, o acesso às entrevistas com diversos especialistas, os depoimentos com portadores e doentes, a forma como é tratado o preconceito, a prevenção, os locais de tratamento, a medicação e os números estatísticos sobre a doença, abre uma dimensão gigantesca sobre um assunto de tamanha importância na vida de jovens em idade escolar, considerando o fácil acesso aos programas, que hoje se encontram acessíveis em sites na internet, e na abrangência de informações sobre um mesmo assunto, em pouco tempo.

Dessa forma, questiona-se até que ponto essas informações são de total veracidade e que benefícios elas trarão para a vida deles, tanto para o conhecimento do assunto quanto para a sua formação cidadã.

O programa “A liga”, certamente abrange as informações de forma mais diversificada e didática. Aparentemente mais criativo, dinâmico e interessante, devido ao fato da participação ativa dos repórteres.

O programa “Profissão Repórter”, apresentado em formato muito mais de cunho jornalístico e demonstrativo, visto que o foco principal, ao meu ver, é a formação do repórter, o que ele passa para fazer a reportagem, e não o tema em si. Comprova o fato de que eles não são participantes das reportagens e sim, transmissores da notícia.

O programa “A liga” demonstra muito mais intimidade com o tema. O foco inicial da notícia era o medo das pessoas em realizar o exame, visto que esse é um dos fatores determinantes do tratamento e que demanda muitos fracassos. O repórter Cazé juntamente com Mírian Bottan dispuseram-se a fazer o exame de HIV, em frente as câmeras. Esse fato tornou real o medo da resposta e abriu uma séria discussão sobre a prevenção, a falta de informação, e a banalização da doença, pois, apesar de não haver cura, há um relativo controle pela utilização de medicamentos que controlam a ação do vírus.

Da mesma forma, na rua, Débora Villalba entrevista jovens na vida noturna da cidade de São Paulo. Nessa ocasião, eles são questionados se sabem e como sabem se a pessoa a qual vão se relacionar tem o vírus da Aids. Se usam preservativos, quando, com que frequência, e se acham importante falar ou não sobre a doença, quem tem, e sobre o preconceito que incide sobre ela.

Repórter – R

Entrevistado – E

R -Você está namorando?

E -Não, estou só ficando, há algum tempo.

R – Vocês usam preservativos?

E – No início usávamos, mas agora não usamos mais.

R –Você conhece ela a ponto de saber se ela tem o vírus da Aids?

E – Sim...acho que sim...ela me disse que não tem!

R – Ela te mostrou exame de HIV?

E – Não. Mas eu conheço ela....rsrsrsrrsrsrs (risos)

R – Então está seguro em ter relações com ela, sem preservativos, mesmo não tendo certeza que ela é portadora do HIV?

E – Antes eu não tinha pensado nisso...mas agora fiquei preocupado. Acho que vou tentar saber agora....

Sexualmente ativos, os jovens acreditam que o vírus está muito longe deles. Conforme estatísticas mundiais, a grande maioria das pessoas infectadas nem sabem que estão com a doença, o que a transforma em um perigo iminente. A escola, por conseguinte, poderá ser um transmissor de informações muito importante. Para tanto, mais uma vez destacamos a abrangência da televisão como uma ampla fonte de trabalho e pesquisa desse tema.

O “Profissão Repórter” acompanhou o dia dia de um hospital em São Paulo, mais especificamente o centro de exames de HIV. Na ocasião, um paciente chega para saber de seu diagnóstico, e a enfermeira avisa que ele está infectado com o Vírus HIV, e afirma, erroneamente, que ele estaria com AIDS.

Enfermeira: E

Paciente: P

E – Quer saber qual foi o resultado do seu exame?

P – Sim, quero.

E – Deu positivo.

P - ....(silêncio)

E – E você conhece, sabe o que você tem?

P – Sim. É o HIV.

E – É isso mesmo, você tem AIDS.

Depois de analisar os conceitos de AIDS e HIV, sabemos seguramente que ambos diferem entre si. Dessa forma, torna-se irresponsável e taxativa a forma como o paciente é comunicado sobre a doença e a forma com que a notícia é divulgada. A veracidade e o cuidado com que a notícia é divulgada é um dos fatores primordiais para a formação cidadã. O paciente acabou sendo mal informado e essa falta de informação do profissional em questão foi disseminada Brasil a fora pela rede de televisão, o que é inaceitável.

Esse fato leva em questão o conhecimento sobre o tema tratado e cria a oportunidade de críticas e soluções de problemas dentro do âmbito escolar, visto que, infelizmente, nem sempre a notícia é verdadeira na sua totalidade.

No mesmo programa, na sequência, o repórter Thiago mostra o dia a dia de um portador do vírus, que tenta driblar a doença e levar uma vida normal. Essa forma de conduzir a reportagem tenta mostrar que a vida de um soropositivo pode ser como a vida de qualquer um, entretanto, o próprio entrevistado diz que não informa às pessoas que tem o vírus. Então se presume o medo do preconceito e discriminação.

Ora, uma pessoa infectada com o vírus deve tomar cuidados específicos para poder ter uma vida normal. Esses cuidados não a diferem das outras pessoas. Ela só precisa ter mais cuidado nesse sentido. Então, por que o preconceito?

De fato ele ainda existe, e o fator principal dessa convenção é a desinformação. Em ambas as reportagens ele fica muito claro, e a sua justificativa também: a falta de conhecimento.

Considerando que a doença está pelas ruas, sem nome, sem características marcantes e praticamente despercebida aos olhos de quem vê, o programa “A liga” foi até pontos de ônibus e praças da cidade, para registrar a reação das pessoas em relação ao tema. Utilizando um adesivo onde estava escrito “aqui sentou uma pessoa com AIDS” e “esse bebedouro foi usado por uma pessoa que tem AIDS”, colocados em lugares estratégicos, os repórteres observavam a reação das pessoas.

A grande maioria delas olhava o adesivo, questionava, retirava o adesivo do local, falava sobre o preconceito, mas acabava não utilizando o mesmo local! Era claro a indignação das mesmas em relação ao fato de ter encontrado o adesivo, ao qual nominavam de “preconceituoso”. Mas ao mesmo tempo, as pessoas demonstravam muita insegurança, e falta de informação. Ou seja, preconceito também.

Ao serem questionados pelos repórteres sobre o fato, elas falavam sobre a AIDS, sobre o preconceito e sobre a falta de informações atuais sobre a doença. Perceberam que o preconceito é sutil, mas ainda existe devido a desinformação e insegurança daquelas que as tem.

Na ocasião, um senhor idoso, porém atlético, praticante de atividade física constante naquele local, avistou o adesivo no bebedouro e rapidamente o retirou. Para as pessoas que

estavam próximas a ele, relatou a ignorância de quem se recusou a beber naquele local, e também explicou a elas as formas de infecção pelo vírus HIV, dando um exemplo de conhecimento sobre o assunto.

Porém, ao ser abordado pela repórter e questionado sobre o fato, mostrou-se realmente conhecedor do assunto, mas também demonstrou que o medo e o preconceito, apesar da informação, na maioria das vezes vence.

Conforme relato a seguir, ele declara que, mesmo sabedor das causas, consequências, precauções e cuidados, jamais se envolveria com alguém portador do vírus da Aids.

R – Repórter

E – Entrevistado

R – O senhor demonstrou conhecer bem sobre o tema Aids. Isso é um assunto de seu interesse

E – Como gosto de ser informado, esse tema me interessa por ser polêmico e atual. Me mantenho informado e atualizado sobre esse assunto.

R -Percebemos que, ao ver o rótulo, o senhor logo o retirou e conversou com as pessoas sobre a transmissão e preconceito. O senhor concorda que as pessoas são desinformadas e ainda preconceituosas?

E – Sim, mesmo depois de todas as informações, ainda existe muito preconceito.

R – Então o senhor não tem preconceito com as pessoas que tem o vírus?

E – Não tenho.

R – Então o senhor se relacionaria com uma mulher que estivesse infectada pelo vírus?

E – Não, jamais. De forma alguma.

R – Mas o senhor diz não ter preconceito.

E – Mas isso não tem nada a ver a ver com preconceito. É uma opção minha. Uma escolha.

R – Isso é preconceito!

E – Não, não é...não posso mais falar, preciso continuar meu exercício...(sai correndo!)

Não é preciso dizer que isso é preconceito sim. É medo, é receio. Apesar de estarem bem informadas, as pessoas ainda não estão totalmente seguras sobre o tema. Há algo muito mais forte do que essa doença, o medo do “desconhecido”, do futuro, do pré julgamento das

peças. Das consequências possíveis que virão. Sempre paira nas mentes das pessoas um "e se?"...

Nos últimos anos, é inevitável falarmos que houve uma banalização do perigo da doença. Ela não tem cura, o grupo de risco só tem aumentado nos últimos anos, mas a desinformação é latente. Em escolas, por exemplo, trabalha-se muito mais a doença como um todo, do que projetos aprofundados e atualizados sobre o tema. Através desses dois programas e sua análise, chegamos a sérias conclusões e grandes descobertas. Mas também de forma bem limitada e regionalista.

O fato do foco dos dois programas serem em São Paulo, empobrece o trabalho. Mas como forma de enriquecê-lo, seria o estímulo à pesquisa, a projetos escolares sobre o tema, a busca de mais informações. No entanto, ele é altamente enriquecedor no que se refere à informação geral, como o dia dia, a busca da cura, a busca de uma vida social e pessoal com mais qualidade e dignidade. Pela fonte de depoimentos reais, de pessoas que comprovam o que se está sendo dito, e não somente dados e estatísticas, receitas e conselhos. A proximidade com o real e a diversidade de fatos que envolvem a doença e o doente é de significativa importância.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As informações fornecidas através dos programas de TV “A Liga” e “Profissão Repórter” deram grande destaque ao tema AIDS, e recolocaram em discussão a credibilidade e legitimidade desses programas jornalísticos, cujo foco de informação e divulgação preencheu algumas lacunas junto ao público telespectador, porém deixou em aberto algumas questões morais e ideológicas que cercam o tema.

Baseados em informações reais, atuais, científicas e estatísticas, os programas enfatizam a AIDS e a relacionam com o preconceito, a vida social e afetiva, o homossexualismo, drogas e doenças sexualmente transmissíveis, saúde pública, adequando os programas ao perfil do seu público.

Apesar da proximidade temporal, a AIDS e suas consequências sofreram varias mudanças comparando com a década anterior, ou seja, na primeira década de seu aparecimento. No entanto, a forma de abordar esse assunto ainda não parece ter mudado muito com o passar do tempo:

Por vezes o discurso da imagem se contrapõe ao do texto. Assim, embora seja dito que todos podem potencialmente contrair a Aids, as imagens enfatizam os homens homossexuais como principais contaminados. Fala-se em evitar o preconceito e o pânico, mas as imagens frisam salas de hospitais com aviso de isolado, bolsas e seringas com sangue, pacientes são mostrados sem rosto ou identidade, sendo questionados sobre a forma de contração da doença, tudo isso em meio a uma narração com tom grave e com música de causar calafrios. O estabelecimento de uma cena de terror que, embora queira alertar, pode terminar por distanciar o público da realidade apresentada. (BARATA, 2006; p.143)

O texto acima demonstra muito medo, muita falta de informação e insegurança. A vergonha tomava conta das pessoas infectadas e o assunto tratava-se de um tabu. Felizmente esses dados mudaram, e hoje é possível tratar esse tema com muito mais tranquilidade e clareza.

De acordo com as informações transmitidas pelos programas em evidência nesse trabalho, é possível afirmar que suas informações são de boa qualidade. A análise dos programas revela um esforço em informar a população sobre as formas de transmissão da doença, as condições do sistema público de saúde em relação a AIDS e os serviços que a mesma dispõe aos pacientes, informa serviços de informações como utilidade pública.

Ambos informam dados sobre a doença, sobre os casos no país, em específico no estado de São Paulo, os tratamentos, a medicação e os cuidados. Reforçam a relação da doença aos antigos “grupos de risco”, os quais deixam de ser especialmente homossexuais, usuários de drogas e hemofílicos e passam a ser mais amplos, atingindo pessoas comuns muito mais do que se imagina, caracterizando o que agora se chama “comportamento de risco”.

Ambos os programas mostram a participação de profissionais da área da saúde, e as pessoas envolvidas não mais escondem seus rostos e sim, sentem a necessidade de mostrar para as pessoas as suas vidas, suas rotinas, suas necessidades e dificuldades enfrentadas no dia a dia.

A AIDS foi priorizada por seus aspectos sociais, muito mais do que pelo patológico, visto que a informação sobre o tema deu ênfase ao preconceito e a vida social dos portadores e doentes, restringindo bastante as informações sobre transmissão, cuidados e prevenção.

As características dos programas demonstram credibilidade e compromisso com os fatos verdadeiros, e divulgam a doença, cumprindo seu papel de forma a prestar o serviço que o jornalismo pressupõe, perante a sociedade.

Através de reportagens extensas, porém dinâmicas e atrativas, os programas “A Liga” e “Profissão Repórter” trataram o tema com seriedade e realismo.

Após a consolidação dessas análises, foi possível avaliar se os objetivos iniciais foram alcançados, ou seja, se seria possível através da análise desses programas, perceber de que forma a televisão influencia o cotidiano dos telespectadores através da exibição desses programas de TV com reportagens vinculadas a área de saúde, mais especificamente o Vírus HIV, e até que ponto o enfoque televisivo contribuiria para o desenvolvimento da cidadania.

Conclui-se, portanto, que a análise desses programas contribui de certa forma, para compreender que a TV ainda é um importante instrumento de informação, e que sua utilização em sala de aula como um recurso de mídia, pode transformar o discurso televisivo numa importante fonte de conhecimento e de pesquisa.

Finalizando, nesse estudo compreendeu-se que a formação cidadã está intimamente ligada ao direito à informação, e a TV, como uma mídia de extrema importância

e grande popularidade, tem seu papel evidente e corriqueiro no dia a dia das pessoas das mais diversas faixas etárias e classes sociais, e deve manter seu papel como um precioso instrumento de ensino e informação nas escolas.

Tanto a televisão quanto a escola tem uma obrigação em comum, que é a de trabalhar com a informação de forma sensata e crítica, uma vez que ser bem informado é um direito de todo cidadão. As TVs, como concessões públicas, não podem se furtar a esse compromisso, tanto quanto a escola não deve deixar de trabalhar constantemente o conhecimento a partir de dados da realidade, a partir daquilo que faz ou pode fazer parte da vida dos estudantes. Nesse sentido, a televisão pode contribuir de forma significativa para o desenvolvimento da cidadania, principalmente se for mediada pelo papel analítico e reflexivo que a educação deve ter.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIDS/HIV. A Liga - Sexo Seguro. São Paulo: Band, 11 de setembro de 2012. Programa de TV.
- AIDS/HIV. Profissão Repórter – Aids. São Paulo: Rede Globo, 16 de agosto de 2011. Programa de TV.
- BARATA, Germana Fernandes. A primeira década da Aids no Brasil. O Fantástico apresenta a doença ao público. São Paulo, 2006.
- BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Média e Tecnologia. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Brasil: MEC, 1999.
- BRASIL. Ministério da Educação. Especialização em Mídias na Educação. 2ª Edição. Apresentação do Curso. Disponível em <http://moodle.cinted.ufrgs.br/moodle/course/view.php?id=202>. Acesso em 12 de setembro de 2012.
- BLOCH, Marc. Introdução à História. Trad. Maria Manuel e Rui Gracio. Portugal: Europa-América. 1965.
- BUCCI, Eugenio e Kehl, Maria Rita. Videologias. Boitempo Editorial. São Paulo, 2004.
- CARVALHO, Rosita Edler. A nova LDB e a educação especial. Rio de Janeiro: WVA, 1997.
- DALLARI, Dalmo de Abreu. Direitos Humanos e Cidadania. São Paulo: Moderna, 1998.
- EMILIANO JOSÉ. História da Cidadania – Uma trilha de lágrimas. Site Pessoal: Salvador, jul. 2003. Disponível em <http://www.emilianojose.com.br/artigos.php>.
- FISCHER. Rosa Maria Bueno. Televisão e Educação: fruir e pensar a TV. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- GALLO, Robert C. and Montagnier, Luc. The Chronology of Aids research. Nature, vol. 326, 2 April, 1987.
- MACHADO, Arlindo. A arte do vídeo. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- MAIO, Márcio. Rafinha Bastos diz que "a crítica" não entendeu o programa "A liga". Disponível em <http://diversao.terra.com.br/tv/noticias/0,,OI4638013-EI12993,00-Rafinha+Bastos+diz+que+a+critica+nao+entendeu+programa+A+Liga.html> Acesso em 10 de outubro de 2012.
- MEDINA, Cremilda. A arte de tecer o presente. São Paulo: Summus, 2006.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Aids no Brasil: Um esforço conjunto Governo e Sociedade. Brasília, 1998.

PARKER, Richard; Bastos, Cristiana; Galvão, Jane & Pedrosa, José Stalin (Orgs). A Aids no Brasil (1982-1992). Rio de Janeiro: Relume-Dumará: ABIA: IMS, UERJ, 1994.

RIOS, Dermival Ribeiro; Minidicionário escolar da língua portuguesa. DCL. São Paulo, 2010.

SCLIAR, Moacyr. Oswaldo Cruz & Carlos Chagas: o nascimento da ciência no Brasil. Odysseus. São Paulo, 2002.

SCLIAR, Moacyr. História do Conceito de Saúde PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 2007.

SOUZA, Cláudio Mello de. Jornal Nacional - 15 anos de história. Rio de Janeiro: RioGráfica, 1984.

WIENER, N. Cibernética e Sociedade: o uso humano de seres humanos. São Paulo, Cultrix, 1968.